PAREDES COMUNICANTES. FOTO-ENSAIO SOBRE ESPAÇO PÚBLICO E COMUNICAÇÃO ILEGAL

Ricardo Campos
CEMRI, Univ. Aberta, Portugal

Este foto-ensaio debruça-se sobre a cidade e uma das formas de comunicação mais visíveis na malha urbana: o graffiti e a street art. Procuro abordar esta linguagem enquanto forma específica de apropriação do espaço público urbano, uma conquista de um campo de visibilidade que funciona à margem dos mecanismos formais e legítimos de comunicação no espaço público. As imagens e reflexões aqui presentes enquadram-se numa trajectória de pesquisa iniciada em 2004 na Área Metropolitana de Lisboa, no âmbito de um projecto de Doutoramento em Antropologia Visual.

Palavras-Chave: graffiti, street art, Lisboa, antropologia visual, comunicação visual

Gostaria de iniciar este foto-ensaio recorrendo ao célebre semiólogo Roland Barthes que, num texto de 1967, coloca uma série de questões relativas à “Semiologia e urbanismo” (Barthes, 1987). Diz-nos ele que todo o espaço urbano é significativo, constituindo a cidade uma espécie de discurso:

A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala aos seus habitantes, nós falamos a nossa cidade, a cidade onde nós nos encontramos simplesmente quando a habitamos, a percorremos, a olhamos (Barthes, 1987:187)

Este foto-ensaio é precisamente sobre a cidade e uma das formas de comunicação urbanas mais visíveis na malha urbana: o graffiti e a street art. Procuramos olhar para esta linguagem enquanto forma específica de apropriação do espaço público urbano que resulta numa conquista de um campo de visibilidade que funciona à margem dos mecanismos formais e legítimos de comunicação no espaço público. Falamos, por isso, de uma prática de natureza intersticial, que contorna os dispositivos de vigilância e de controlo, que joga com as fragilidades do poder e que se apodera dos recursos e espaços disponíveis no quotidiano. Proponho uma exploração da cidade que se oferece ao olhar, exigindo uma observação crítica, interpretativa, longa e em profundidade, dirigida à arquitectura da cidade, aos seus objectos, aos seus movimentos e ao agir

dos seus habitantes. Um empreendimento no sentido daquele foi equacionado pelo antropólogo italiano Massimo Canevacci (1997), quando fala de uma cidade polifónica, a várias vozes.

A cidade é fabricada de acordo com interesses e ideologias dos actores historicamente mais poderosos, com maior capacidade para imprimir a sua marca na morfologia e no devir do espaço. Há, portanto, uma ordem que, podendo ser colectivamente partilhada e consensual, nos é imposta pela história e pela sobreposição de agentes que actuaram sobre o espaço atribuindo-lhe significado. Porém a cidade não está inteiramente determinada. a ordem é corrompida por novas enunciações e denominações. Um bom exemplo é a sempre presente marcação das superfícies, que equivale a uma espécie de apropriação do espaço urbano. Diz-nos Armando Silva Tellez (2001:21):

Em todas as cidades, os seus habitantes têm maneiras de marcar os seus territórios. Não existe cidade, cinzenta ou branca, que não anuncie, de alguma forma, que os seus espaços são percorridos e denominados por seus cidadãos (...) O território alude, mais propriamente, a uma complicada elaboração simbólica que não se cansa de apropriar-se das coisas e tornar a nomeá-las, num característico exercício existencial-linguístico: aquilo que eu vivo eu nomeio.

A cidade asséptica e arrumada tende a criar um sistema de gestão e monitorização das impurezas. Os poderes públicos procuram anulá-las ou, em alternativa, relegam-nas para os confins da ordem estabelecida. A *poluição* deve, assim, ser firmemente confinada pelos receios de contágio que gera. O temor do impuro transporta tanto de higiénico como de simbólico como nos diz Mary Douglas (1991), que afirma que as ideias de pureza e poluição suportam uma forte componente simbólica, servindo para qualificar o espaço físico e social:

a impureza é essencialmente desordem (...) Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio (Douglas, 1991:14).

Ao basearmo-nos nesta dicotomia para atribuir determinadas qualidades a certas categorias socioculturais, a determinados indivíduos, artefactos ou fenómenos, estamos, definitivamente, a ordenar a realidade. Deste modo definimos aquilo que é socialmente (e moralmente) correcto

e admissível de acordo com os padrões da cultura dominante, relegando para as margens ou anulando aquilo que não é. Este pressuposto estende-se ao nosso habitat e aos seus elementos, quer tenhamos em consideração o espaço público, quer o doméstico.

O graffiti urbano é paradigmático desta apropriação da cidade por parte dos cidadãos. Palavras de ordem, assinaturas, bonecos, autocolantes, rabiscos, são armas expressivas nesta transformação do espaço em *médium* comunicativo. Estas são, todavia, formas expressivas marginais, sem lugar na cidade disciplinada. O graffiti simboliza, assim, a impureza a que aludia Mary Douglas, uma vez que entra em conflito com a noção de ordem. O criminologista cultural Jeff Ferrell, que estudou o graffiti norte-americano, alega que aquilo que está em causa nesta prática ilegal é uma espécie de *crime de estilo* (Ferrell, 1996). Ou seja, aquilo que incomoda as autoridades (e obriga a uma reacção) é a forma como o graffiti afronta a hegemonia do Estado e do capital na gestão do espaço físico e da paisagem urbana. O ataque ao graffiti é, por isso, uma forma de defesa da *estética da autoridade* (Ferrell, 1996) e do *vocabulário visual da ordem moral* (Austin, 2010).

As imagens que se seguem fazem parte de um projecto sobre graffiti urbano na cidade de Lisboa e que deu origem a diversas publicações em livro (Campos, 2010, 2009d, 2009e) e em revistas científicas (Campos, 2009a, 2009b, 2009c). As fotografias procuram, por isso, detectar diferentes formas como o graffiti e a street art actuam como linguagens de resistência, de afronta, de crítica ou simples gozo, desafiando as convenções e a ordem visual da paisagem urbana. Este projecto enquadra-se numa linha de pesquisa mais ampla desenvolvida no Laboratório de Antropologia Visual do CEMRI-Universidade Aberta, sobre cultura visual urbana. As fotografias foram registadas entre 2007 e 2010 e retratam diversas facetas destas expressões marginais, cuja criatividade e arrojo são bem evidentes. De alguma forma elas desempenham funções de natureza estética, política, ideológica ou cultural, ao abrigo do espaço público de comunicação mais democrático: a rua.

BIBLIOGRAFIA

- Barthes, Roland. 1987. *A aventura semiológica*. Lisboa: Edições 70.
- Campos, Ricardo. 2010. *Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica ao graffiti urbano*. Lisboa: Fim de Século.
- _____. 2009a. "All City - Graffiti Europeu como modo de comunicação e transgressão no espaço urbano". *Revista de Antropologia* 52 (1): 11-47.
- _____. 2009b. "A imagem é uma arma, a propósito de riscos e rabiscos no Bairro Alto". *Arquivos da Memória* nº 5/6 (Nova Série): 47-71 (<http://www.ceep.fcsh.unl.pt/ArtPDF/RicardoCamposAM5.pdf>).
- _____. 2009c. "Entre as luzes e as sombras da cidade. Visibilidade e invisibilidade no Graffiti". *Etnográfica* vol. 13 (1): 145-170 (<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v13n1/v13n1a09.pdf>).
- _____. 2009d. "Movimentos da imagem no graffiti. Das ruas da cidade para os circuitos digitais". Pp 91-112 in *A produção das mobilidades. Redes, espacialidades e trajectos*, edited by Renato do Carmo e José Simões. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.
- _____. 2009e. "On urban graffiti: Bairro Alto as a liminal place". Pp. 135-151 in *The Wall and the City*, edited by A. M. Brighenti. Trento: Professional Dreamers.

- Canevacci, Massimo. 1997. *A cidade polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel.
- Douglas, Mary. 1991. *Pureza e perigo*, Lisboa: Edições 70.
- Ferrell, Jeff. 1996. Crimes of style. Urban graffiti and the politics of criminality. Boston, MA: Northeastern University Press.
- Austin, Joe. 2010. "More to see than a canvas in a white cube. For an art in the streets". *City* 14 (1): 33-47.
- Silva Tellez, Armando. 2001. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Editora Perspectiva.

COMMUNICATING WALLS. PHOTOESSAY ON ILLEGAL COMMUNICATION AND PUBLIC SPACE

The present photo-essay deals with city life and two of the more visible forms of urban communication: graffiti and street art. The essay seeks to understand such visual means of expression as an appropriation of public space, opposed to the more formal and socially legitimate forms of communication in public discourse. The images and reflections presented here are part of a research conducted in the metropolitan area of Lisbon for a PhD thesis in Visual Anthropology on urban graffiti and youth subculture.

Keywords: graffiti, street art, Lisbon, visual anthropology, visual communication